



**INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO CURSO DE
 MEDICINA: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

***INCLUSION OF STUDENTS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER IN MEDICINE COURSES: A
 CASE REPORT***

***INCLUSIÓN DE ESTUDIANTES CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA EN EL CURSO DE
 MEDICINA: UN RELATO DE EXPERIENCIA***

João Marcos Oliveira dos Santos¹, Regiane Lopes Takaoka², Priscilla Hellen de Carvalho Janoário², Isabela Galvão Reis², Ianca Brenda Pereira Nascimento²

e5105869

<https://doi.org/10.47820/recima21.v5i10.5869>

PUBLICADO: 10/2024

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) afeta 1 a 2% da população, impactando comunicação e interação social. Fatores genéticos e ambientais influenciam seu desenvolvimento. No Brasil, o aumento de diagnósticos destaca a necessidade de formação de professores e adaptações curriculares, especialmente em Medicina. Apesar de a Lei n. 12.764 garantir direitos e acessibilidade, as políticas públicas são limitadas. Pesquisas sobre inclusão de alunos com TEA são essenciais para identificar barreiras e promover ambientes acadêmicos inclusivos. Objetivos: Investigar os desafios enfrentados por alunos com TEA no curso de Medicina e as estratégias para promover inclusão. Materiais e Métodos: Relato de experiência. Resultados: O acolhimento de cinco alunos com TEA no Núcleo de Acessibilidade identificou necessidades. Quatro eram nível 1 e um nível 2, apresentando comorbidades que dificultaram a inclusão. Um plano pedagógico foi desenvolvido, e um selo de acessibilidade foi instituído nas matrículas. Apesar do suporte, a comunicação entre alunos e professores foi um desafio, limitando o uso de recursos. Os alunos relataram rigidez alimentar e sensibilidade auditiva. A falta de adaptações prejudicou o desempenho acadêmico e a integração social. Para garantir inclusão efetiva, a capacitação contínua dos docentes e estratégias inclusivas são essenciais. Considerações: Apesar das políticas de inclusão, existem lacunas na comunicação e na disponibilidade de recursos. A capacitação contínua dos docentes e suporte personalizado são fundamentais para promover um ambiente educacional inclusivo.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo. Ensino superior. Inclusão. Pessoa com deficiência.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) affects 1 to 2% of the population, impacting communication and social interaction. Genetic and environmental factors influence its development. In Brazil, the increase in diagnoses highlights the need for teacher training and curriculum adaptations, especially in Medicine. Although Law No. 12,764 guarantees rights and accessibility, public policies are limited. Research on the inclusion of students with ASD is essential to identify barriers and promote inclusive academic environments. Objectives: To investigate the challenges faced by students with ASD in medical courses and strategies to promote inclusion. Materials and Methods: Experience report. Results: The reception of five students with ASD at the Accessibility Center identified their needs. Four were level 1 and one was level 2, presenting comorbidities that hindered inclusion. A pedagogical plan was developed, and an accessibility seal was established in enrollments. Despite support, communication between students and teachers was challenging, limiting the use of resources. Students reported food rigidity and auditory sensitivity. The lack of adaptations hindered academic performance and social integration. To ensure effective inclusion, continuous teacher training and inclusive strategies are essential. Conclusions:

¹ Discente do curso de Medicina pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro, bacharel em enfermagem pela Faculdade Metropolitanas Unidas, especialista na modalidade residência em Enfermagem em emergências clínicas e trauma pela Universidade Santo Amaro, especialista em Urgência e Emergência pela Universidade Nove de Julho, especialista em Unidade de Terapia Intensiva adulto pela Faculdade Metropolitanas Unidas, especialista em Gestão de Serviços de Saúde pela Faculdade FAVENI.

² Acadêmica de Medicina. Universidade Federal do Triângulo Mineiro.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO CURSO DE MEDICINA: RELATO DE EXPERIÊNCIA
João Marcos Oliveira dos Santos, Regiane Lopes Takaoka, Priscilla Hellen de Carvalho Janoário,
Isabela Galvão Reis, Ianca Brenda Pereira Nascimento

Despite inclusion policies, there are gaps in communication and resource availability. Continuous teacher training and personalized support are fundamental to promoting an inclusive educational environment.

KEYWORDS: *Autism. Higher education. Inclusion. Person with disability.*

RESUMEN

El Trastorno del Espectro Autista (TEA) afecta entre el 1 y el 2% de la población, impactando la comunicación y la interacción social. Los factores genéticos y ambientales influyen en su desarrollo. En Brasil, el aumento en los diagnósticos resalta la necesidad de formación docente y adaptaciones curriculares, especialmente en Medicina. Aunque la Ley No. 12.764 garantiza derechos y accesibilidad, las políticas públicas son limitadas. La investigación sobre la inclusión de estudiantes con TEA es esencial para identificar barreras y promover ambientes académicos inclusivos. Objetivos: Investigar los desafíos que enfrentan los estudiantes con TEA en los cursos de Medicina y las estrategias para promover su inclusión. Materiales y Métodos: Relato de experiencia. Resultados: La recepción de cinco estudiantes con TEA en el Núcleo de Accesibilidad identificó sus necesidades. Cuatro eran de nivel 1 y uno de nivel 2, presentando comorbilidades que dificultaron la inclusión. Se desarrolló un plan pedagógico y se instituyó un sello de accesibilidad en las matrículas. A pesar del apoyo, la comunicación entre estudiantes y profesores fue un desafío, limitando el uso de recursos. Los estudiantes reportaron rigidez alimentaria y sensibilidad auditiva. La falta de adaptaciones perjudicó el rendimiento académico y la integración social. Para garantizar una inclusión efectiva, es esencial la capacitación continua de los docentes. Consideraciones: A pesar de las políticas de inclusión, existen brechas en la comunicación y en la disponibilidad de recursos. La capacitación continua de los docentes y el apoyo personalizado son fundamentales para promover un ambiente educativo inclusivo.

PALABRAS CLAVE: *Autismo. Educación superior. Inclusión. Persona con discapacidad.*

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição de desenvolvimento neurológico que afeta a comunicação, a interação social e os padrões de comportamento. De acordo com a Classificação Internacional de Doenças (CID-11), o TEA é caracterizado por dificuldades persistentes em iniciar ou manter interações sociais, além de comportamentos, atividades e interesses restritos e repetitivos. O CID-11 também classifica o TEA em diferentes níveis de gravidade, variando desde indivíduos que necessitam de suporte leve até aqueles que requerem assistência substancial em suas atividades diárias, o que reflete a amplitude do espectro autista.^{1,2}

A etiologia do TEA ainda não é completamente compreendida, mas estudos indicam que fatores genéticos e ambientais desempenham papéis importantes em seu desenvolvimento, a predisposição genética é responsável por uma grande parte dos casos de autismo, com algumas variantes genéticas associadas ao transtorno. Além disso, fatores ambientais, como complicações durante a gestação e exposição a substâncias tóxicas, também foram relacionados ao aumento da probabilidade de desenvolvimento do TEA. Contudo, é importante salientar que essas influências não são determinantes isolados, mas, sim, interação de maneira complexa no desenvolvimento do transtorno.²

Epidemiologicamente, estima-se que o TEA afete cerca de 1 a 2% da população mundial³, com um aumento significativo nos diagnósticos ao longo dos últimos anos. No Brasil, o número de pessoas



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO CURSO DE MEDICINA: RELATO DE EXPERIÊNCIA
João Marcos Oliveira dos Santos, Regiane Lopes Takaoka, Priscilla Hellen de Carvalho Janoário,
Isabela Galvão Reis, Ianca Brenda Pereira Nascimento

diagnosticadas com TEA também tem crescido, o que exige uma atenção maior por parte do sistema educacional para promover a inclusão desses indivíduos em todas as esferas da sociedade, incluindo o ensino superior.⁴

A despeito de um aumento nos diagnósticos, ainda há lacunas quanto à formação de professores e às adaptações curriculares para acolher esses estudantes em cursos de maior complexidade, como o de Medicina.⁵

Dados recentes do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais⁴ indicam um aumento na entrada de alunos com deficiência no ensino superior. No entanto, o número de estudantes com TEA que conseguem ingressar e concluir cursos de graduação ainda é limitado, o que pode estar relacionado à falta de políticas públicas eficazes e de adaptações institucionais adequadas.⁵

Desde 27 de dezembro de 2012, a Lei n. 12.764, em seu Artigo 1º, § 2º, determinou que "a pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência para todos os efeitos legais". Com isso, indivíduos com TEA passaram a ter acesso a todas as garantias e direitos legais destinados às pessoas com deficiência (PcD), inclusive a entrada por cotas ao ensino superior.

As políticas públicas para pessoas com deficiência no Brasil têm desempenhado um papel crucial na promoção da inclusão de indivíduos com TEA no sistema educacional. A Lei Brasileira de Inclusão⁶ estabelece que as instituições de ensino devem garantir condições de acessibilidade, com adaptações curriculares e a oferta de serviços de apoio especializados.

Além disso, iniciativas como a criação de núcleos de apoio psicopedagógico, previsto pelo Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, nas instituições de ensino superior buscam dar suporte ao estudante com TEA, auxiliando na adaptação ao ambiente acadêmico e promovendo estratégias de ensino diferenciadas. No entanto, a efetividade dessas políticas ainda é limitada.⁵

Nessa conjuntura, pesquisas que abordam a inclusão pessoas com TEA são primordiais, para compreender a importância das barreiras enfrentadas por esses alunos, bem como as estratégias que podem ser adotadas para promover uma maior acessibilidade. Este relato de experiência tem o objetivo de contribuir para a literatura ao fornecer dados empíricos sobre a inclusão de alunos com TEA em um curso de alta exigência, como o de Medicina. Ao compreender as necessidades específicas desses alunos, pode-se auxiliar na construção de ambientes acadêmicos mais inclusivos e preparar futuros profissionais da área médica para lidar com a diversidade nas suas práticas clínicas.

MÉTODO

Trata-se de um relato de experiência de cinco discentes diagnosticados com TEA, a respeito do primeiro ano do curso de Medicina de uma instituição de ensino superior federal. Porta de entrada através das leis de cotas de inclusão por modalidade cursada no ensino médio - rede pública - e deficiência documentada por meio de Laudo médico. Processo via Sistema de Seleção Unificada (SISU) no Estado de Minas Gerais.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO CURSO DE MEDICINA: RELATO DE EXPERIÊNCIA
João Marcos Oliveira dos Santos, Regiane Lopes Takaoka, Priscilla Hellen de Carvalho Janoário,
Isabela Galvão Reis, Ianca Brenda Pereira Nascimento

Este é um método amplamente empregado no ensino, na pesquisa e na extensão, que são fundamentais para as universidades, especialmente em estágios e residências. Ele tem o potencial de contribuir para a compreensão de particularidades e para reflexões de natureza sócio-histórica, enriquecendo a bagagem cultural dos envolvidos.⁷

Os relatos de experiência que incorporam uma abordagem crítica e reflexiva desempenham um papel significativo na construção do conhecimento científico ao permitir que vivências em contextos específicos sejam expressas por meio da escrita, analisadas e refletidas com suporte em fundamentos teóricos.

O relato foi dividido em três momentos, o acolhimento inicial e as adversidades e estratégias adotadas ao longo do semestre. Os resultados foram redigidos em forma de narrativa para facilitar a compreensão os discentes foram elencados de 01 a 05 no transcorrer do texto.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Núcleo de Acessibilidade acolhimento inicial do estudante com TEA

Ao adentrar na Universidade todos os 05 alunos receberam convite do setor de acessibilidade para identificação das necessidades individuais através do e-mail, os discentes forneceram previamente laudo médico com a descrição do comprometimento decorrente do TEA, 4 deles apresentavam diagnóstico de TEA N1, 01 TEA N2 nessa reunião ficou pré estabelecido o plano pedagógico a ser adotado no decorrer do semestre.

Todos os indivíduos apresentavam outras comorbidades atreladas ao TEA, indo de encontro à literatura que menciona que o diagnóstico de TEA pode vir atrelado a outras comorbidades o que torna o desafio de incluir esse público ainda mais provocativo.

Dos 05 discentes, 02 entraram no ano de 2023 e 03 adentraram em 2024 através da política de cotas, ou seja, as informações com relação à deficiência e necessidades especiais já estavam dispostas ao departamento no momento da visita.

Na ocasião foi afirmado pelo departamento que as particularidades seriam transmitidas aos docentes e que seria inserido um selo de acessibilidade junto à sua matrícula no portal do acadêmico para facilitar a identificação pelo corpo docente das particularidades de cada discente.

A ação supracitada vai de encontro ao proposto pela política de inclusão, que cita que o Núcleo de Acessibilidade tem como objetivo promover a inclusão de estudantes com deficiência, incluindo aqueles com Transtorno do Espectro Autista (TEA), garantindo acessibilidade física, pedagógica e atitudinal nas instituições de ensino superior.⁸

O processo de acolhimento inicial desses estudantes envolve uma avaliação individualizada para identificar suas necessidades e barreiras de aprendizagem, além de proporcionar suporte contínuo através de adaptações curriculares e acompanhamento psicopedagógico. A personalização do apoio visa promover o desenvolvimento acadêmico e a integração social dos alunos.⁸



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO CURSO DE MEDICINA: RELATO DE EXPERIÊNCIA
João Marcos Oliveira dos Santos, Regiane Lopes Takaoka, Priscilla Hellen de Carvalho Janoário,
Isabela Galvão Reis, Ianca Brenda Pereira Nascimento

A discente 01 foi recebida pontualmente para a integralização de acolhida, ocasião que, segundo a aluna, prevaleceu confortável. Ao longo da entrevista, houve perguntas sobre o contexto social, estudantil e psicológico da discente, além de uma explanação quanto a dinâmica do curso e a escuta de preocupações atuais.

A título de ilustração, a pauta mais desafiadora no início da jornada acadêmica, do ponto de vista da caloura 1, consistia na adaptação para se alimentar no Restaurante Universitário, em consequência de sua rigidez alimentar, já que a rotina do curso médico conflita com deslocamentos domiciliares para realizar refeições da maneira como estava acostumada.

Do ponto de vista psicopatológico, a seletividade alimentar e o transtorno compulsivo por limpeza são características bastante presentes em pessoas dentro do espectro autista. Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais⁹, o Transtorno Alimentar Restritivo/Evitativo (TARE) em adultos, pode ser compreendido a partir de particularidades sensoriais e comportamentais frequentemente observadas em pessoas com TEA. Esses indivíduos costumam ter uma sensibilidade exacerbada a certos estímulos, que podem incluir a forma como os alimentos são preparados ou apresentados. Uma dessas peculiaridades envolve o "nojo" de alimentos manipulados por terceiros, o que está relacionado a uma preocupação com a higiene e o controle.

A discente 02, inicialmente, encontrava-se perdida no processo, mas, após a reunião, que foi esclarecedora, foi informada sobre as possibilidades inclusivas que a instituição oferece como suporte para a efetiva permanência dos estudantes que necessitam de algum de apoio para um melhor aproveitamento, além de ser orientada sobre a possibilidade de solicitação da monitoria inclusiva.

A Lei Brasileira de Inclusão⁶ assegura e ressalta a inserção, participação plena e efetiva das pessoas com TEA, de forma a considerar suas particularidades e necessidades, que variam significativamente de um indivíduo para o outro.

Observa-se, assim, que o primeiro contato com o setor de acessibilidade da instituição vai ao encontro política pública de inclusão⁶, assim, a monitoria inclusiva é uma ação pedagógica coerente com o princípio da acessibilidade e do apoio ao aprendizado, para que sejam oferecidas as mesmas oportunidades de desenvolvimento pautadas na equidade de suporte aos estudantes.

A reunião com a discente 03 foi rápida, mas produtiva, a estudante narrou seu histórico médico e como foi o processo do diagnóstico. Durante a conversa, a discente expressou suas dificuldades de interação social e de interpretação de figuras de linguagem, acrescido de uma sensibilidade auditiva. Nesse momento, foi apresentado à discente as opções de recursos de acessibilidade disponíveis, como tempo adicional de prova e monitoria inclusiva.

Durante a reunião, identificou-se que o discente 05 apresentava transtorno do processamento sensorial, manifestando hipersensibilidade auditiva e tátil. Também se constatou a necessidade de utilizar dispositivos reguladores. O estudante demonstra estereotípias e movimentos repetitivos, além de enfrentar dificuldades na interpretação de figuras de linguagem, como piadas, metáforas, ironias e



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO CURSO DE MEDICINA: RELATO DE EXPERIÊNCIA
João Marcos Oliveira dos Santos, Regiane Lopes Takaoka, Priscilla Hellen de Carvalho Janoário,
Isabela Galvão Reis, Ianca Brenda Pereira Nascimento

sarcasmos. Adicionalmente, observou-se que ele encontrava dificuldades na socialização e requeria tempo adicional para concluir suas atividades teóricas e práticas.

Ademais, apesar de suas limitações, as discentes 01, 02 e 03 resolveram seguir o período sem o auxílio dos recursos de acessibilidade disponíveis, o que resultou em um semestre de estudos bem desafiador para as discentes. Os alunos 04 e 05 não obtiveram durante o diálogo o prazo correto para solicitação do recurso e conseqüentemente não conseguiram usufruir do recurso de acessibilidade em sua totalidade.

Nesse contexto, Melo *et al.*¹¹ destacam que os núcleos de acessibilidade podem desconhecer as características do Transtorno do Espectro Autista, o que culmina em estudantes sem o apoio e suporte necessários durante a formação, para o aluno com TEA é essencial que todos os passos sejam narrados e evidenciados, ao presumir que o aluno compreendeu a informação o núcleo pode comprometer a sua inclusão.

Silva *et al.*⁷ destacam que os núcleos de acessibilidade desempenham uma função vital ao oferecer as condições necessárias para que estudantes com deficiência possam ingressar, avançar e concluir seus cursos de graduação com sucesso.

Além disso, os autores⁷ mencionam que a integração entre as políticas educacionais voltadas para a Educação Especial e as diretrizes institucionais é essencial para facilitar a inclusão, englobando tanto o acesso quanto a permanência de alunos com TEA no ensino superior.

Essa sinergia ocorre através da colaboração entre as instituições de ensino, representadas pelos núcleos de acessibilidade, e a aplicação de políticas públicas e internas que alinham esforços para garantir o acesso e a continuidade desses estudantes, incluindo o suporte à saúde mental como uma estratégia para melhorar sua adaptação.⁷

Com o aumento de estudantes com autismo no ensino superior, é vital que docentes, profissionais do Núcleo de Acessibilidade e a comunidade acadêmica estejam preparados para lidar com essa diversidade. Conhecer características do autismo, como hiperfoco e dificuldades de comunicação, estereotípias e autorregulação é fundamental para o sucesso acadêmico desses alunos e a reunião inicial pode fornecer esse *insight*.⁸

Comunicação com o corpo docente

Apesar da reunião com o núcleo de acessibilidade ter sido acolhedora, a discente 03 não se sentiu confortável para ter uma conversa com o corpo docente sobre suas limitações. A estudante relata que, apesar das promessas de acessibilidade, a instituição falha ao estabelecer uma relação entre o docente e o aluno com TEA, fazendo com que o aluno precise repetir diversas vezes sua história para ter os direitos assegurados.

O Discente 05 precisou comparecer no primeiro ano de graduação mais de uma vez ao departamento para solicitar auxílio e estratégias de adaptação dos recursos, em todas as ocasiões a coordenação do curso foi notificada, sendo solicitado reunião presencial com a coordenação para



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO CURSO DE MEDICINA: RELATO DE EXPERIÊNCIA
João Marcos Oliveira dos Santos, Regiane Lopes Takaoka, Priscilla Hellen de Carvalho Janoário,
Isabela Galvão Reis, Ianca Brenda Pereira Nascimento

alinhamento de necessidades, mesmo assim os discentes que adentraram após passaram pela mesma situação, demonstrando um grande gargalo comunicacional no processo.

Evidenciado também na vivência da discente 02 que, na prática diária, observou que os professores desconheciam sua condição e assim como suas necessidades, o que limitou o uso de recursos de acessibilidade, assim como contribuiu para piora no desempenho.

A solicitação de monitoria inclusiva, mesmo após pactuação dos passos com o departamento de acessibilidade se configurou como desafio para os discentes que optaram por esse recurso, uma vez que a solicitação é realizada pelo docente com preenchimento de formulário próprio e direcionada o setor acompanhamento pedagógico e alguns docentes demonstraram resistência em realizar o processo por desconhecer o fluxo e as necessidades individuais de cada aluno.

A Discente 04 enfrenta dificuldades relacionadas à localização espacial e desconforto sensorial ao assimilar informações em ambientes com grande volume de pessoas, tornando a monitoria inclusiva crucial para seu aprendizado efetivo. Entretanto, diferente do que acontece com os alunos neurotípicos, o edital da monitoria inclusiva é lançado posteriormente, resultando em um início tardio de assistência para a aluna. Consequentemente, o desempenho na primeira avaliação tende a ser insatisfatório.

Sendo necessária a intervenção da aluna monitora que discutiu com o professor a possibilidade de reaplicação da prova após o início das monitorias, porém, o pedido não foi aceito. Assim, a aluna teve que realizar o exame final, e apenas após obter uma nota insuficiente na primeira avaliação, a prova foi reaplicada. Essa situação resultou em uma sobrecarga significativa para a aluna.

Em consonância com o ocorrido, Fernandes e Freitas¹⁸ afirmam que, embora a legislação assegure o acesso e a permanência de pessoas com TEA no ensino superior, a qualidade e a continuidade do ensino para esses alunos não são efetivamente garantidas, evidenciando, portanto, a necessidade de implementação de medidas que assegurem um ambiente de aprendizagem inclusivo.

Vale mencionar que a segunda oportunidade disponibilizada para aluna está prevista dentro do regulamento estudantil da unidade que estabelece a possibilidade para alunos que necessitem de recursos de acessibilidade o que se configura como mais uma estratégia da universidade para manter o discente no corpo estudantil.

Existem ruídos na comunicação entre o corpo de servidores o que faz com que os alunos com Transtorno do Espectro Autista dispensem muito tempo para reafirmar e para justificar suas necessidades periodicamente. Logo, essa falha, é incompatível com a premissa de acolhimento proposta para corrigir as dificuldades do cotista PCD e não garante a justiça social.

Nesse contexto, Adurens *et al.*¹² revelam a fragilidade na inclusão de indivíduos com TEA nas instituições de ensino, pontuando que a deficiência é além das dificuldades pedagógicas, transparecendo suas características multifatoriais, como sensibilidade tátil e auditiva. As autoras ainda destacam a falta de preparo dos educadores e a necessidade de mais pesquisas no âmbito da formação superior de pessoas com TEA.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO CURSO DE MEDICINA: RELATO DE EXPERIÊNCIA
João Marcos Oliveira dos Santos, Regiane Lopes Takaoka, Priscilla Hellen de Carvalho Janoário,
Isabela Galvão Reis, Janca Brenda Pereira Nascimento

A capacitação contínua e a sensibilização dos docentes são essenciais para o aprendizado sólido dos portadores do Transtorno do Espectro Autista, segundo Pereira *et al.*,¹³ Logo, a incompreensão da previsibilidade quanto aos métodos de avaliação e ao nível de abordagem das matérias específicas, bem como a falta de diálogo efetivo repercutem no desempenho acadêmico.

Mesmo com todas as informações disponibilizadas aos docentes, os alunos enfrentam dificuldades para usufruir de tempo adicional para realização das atividades acadêmicas e/ou atividades alternativas para obtenção de nota; parte dos educadores alegaram desconhecer essa necessidade ou que não julgavam necessário.

A adaptação dos materiais didáticos também não ocorreu, por se tratar de um curso com alta densidade de informações o modelo adotado por alguns professores com slides altamente poluídos por textos, uso excessivo de metáforas e/ou outras figuras de linguagem durante a exposição das aulas comprometem diretamente a absorção dos dados.

As avaliações acadêmicas não foram adaptadas, assim como os trabalhos acadêmicos, mesmo quando solicitado aos professores, alguns docentes alegaram que tal ação não beneficiaria os acadêmicos, atividades com duração de tempo e com extrema pressão para realização permaneceram sendo aplicadas. Nesse quesito todos discentes enfrentaram algum tipo de situação com os docentes.

Tal ação é contrária ao estudo de Silva *et al.*,¹⁹ que observaram docentes de nível superior e evidenciaram a importância da adaptação dos recursos didáticos e avaliativos, uma vez a atividade avaliativa não tem apenas o intuito de reprovar ou aprovar o aluno e sim mensurar o conhecimento adquirido e seguindo o método tradicional essa ação se torna inviável a discentes neurodivergentes.

Do ponto de vista de Oliveira *et al.*,¹⁰ a negligência das especificidades dos estudantes autistas por parte de professores e outros membros das instituições de ensino superior pode resultar em significativas dificuldades acadêmicas e emocionais para esses alunos. A ausência de adaptações pedagógicas adequadas compromete o processo de aprendizagem, elevando o risco de não aquisição do conhecimento. Como consequência, observa-se uma maior propensão à desistência ou evasão dos cursos, prejudicando o desenvolvimento acadêmico e pessoal desses estudantes. A implementação de estratégias inclusivas e a formação contínua dos educadores são fundamentais para garantir um ambiente de aprendizagem acessível e equitativo.

É essencial transformar o paradigma educacional para reorganizar as práticas pedagógicas que têm sido uniformes, a educação especial se concretiza por meio de ações interligadas. Essa mudança no sistema pode viabilizar novas metodologias e estratégias, facilitando o acesso e a permanência de alunos com necessidades especiais nas universidades, ampliando assim os debates sobre como ensinar e aprender de forma mais eficaz.^{9-12,13}

Desafios de saúde mental

A princípio, a discente 01, à época com 29 anos, relatou ter enfrentado episódios de ansiedade devido à diferença de idade em relação aos colegas de turma. Ela acreditava que sua faixa etária,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO CURSO DE MEDICINA: RELATO DE EXPERIÊNCIA
João Marcos Oliveira dos Santos, Regiane Lopes Takaoka, Priscilla Hellen de Carvalho Janoário,
Isabela Galvão Reis, Ianca Brenda Pereira Nascimento

somado ao fato de ser neurodivergente, poderia levar à sua exclusão na sala de aula e ao seu isolamento, sobretudo em trabalhos acadêmicos e em grupos de estudo. No entanto, houve um acolhimento positivo, uma vez que a discente relata ter feito amigos dentro e fora de sua classe - o que contribuiu para a melhora de sua saúde mental.

Diante do exposto, a psicóloga Marina da Silveira Rodrigues Almeida (CRP 06/41029) - especialista em TEA em adultos -, endossa que solidão, sentimentos de alienação e de rejeição são comuns entre adultos autistas e podem levar a quadros de depressão. Desse modo, a possibilidade de estabelecer vínculos entre os demais acadêmicos torna-se indispensável para a manutenção do bem-estar psicológico de homens e de mulheres atípicas.

Com os laudos entregues, a entidade tomou conhecimento de que a acadêmica 2 necessitava de acompanhamento psiquiátrico e psicológico contínuo; porém, nada foi realizado a esse respeito. Como resultado, ao final do primeiro semestre, voltou a apresentar crises do TOC dentro do ambiente de estudo e que arrastou para o ambiente particular, gerando um sentimento de ansiedade e desamparo que afetou diretamente o seu rendimento nos estudos durante o primeiro semestre.

A discente 02 passou por uma transição de município, de carreira e de rotina que foi, no mínimo, extremamente desafiadora. Visto que, mesmo ciente de suas escolhas e desejos, e sendo a protagonista de todo o processo, o ato de prosseguir rumo ao prático desconhecido a deixou instável emocionalmente, só sendo possível com o auxílio de medicação e psicoterapia. Um fato marcante para a discente foi ter uma forte crise de choro descontrolado na noite anterior à mudança.

Em contrapartida, para a discente 03 o processo de mudança foi positivo, apesar de desafiador. A estudante, vinda de cidade pequena, sempre soube que para seguir o sonho de cursar medicina seria inevitável uma mudança para a cidade sede da universidade. Dessa forma, a ideia da transição foi bem-vinda pela discente e simbolizou uma grande conquista pessoal, o que influenciou na pacificidade e possibilitou um processo de mudança saudável para a aluna.

Para a discente 04, o processo de transição de cidade trouxe à tona vários desafios significativos. A mudança para um ambiente desconhecido gerou altos níveis de ansiedade, exacerbados pela falta de familiaridade tanto com a instituição, quanto com a comunidade local. Além disso, a ausência de uma rotina acadêmica fixa no início, devido à carga horária variável, contribuiu para o desconforto e a incerteza. Esse cenário foi agravado pelo medo persistente de não ser aceita ou incluída pelos colegas do curso, o que aumentou sua apreensão social e emocional durante essa fase crítica de adaptação.

Indo de encontro aos desafios da discente 04, o discente 05 enfrentou extrema dificuldade de adaptação desenvolvendo durante o ano urticárias pelo corpo, prurido intenso, crise de shutdown repetidos, hiporexia, perda de peso, alopecia, decorrente da exposição e cobrança do curso isolou-se e teve mais dificuldade para interação com os colegas de turma.

A sobrecarga de estímulos sensoriais ou emocionais pode causar perda temporária do controle emocional. Quando a pessoa não consegue lidar com essa pressão, pode passar por um desligamento



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO CURSO DE MEDICINA: RELATO DE EXPERIÊNCIA
João Marcos Oliveira dos Santos, Regiane Lopes Takaoka, Priscilla Hellen de Carvalho Janoário,
Isabela Galvão Reis, Ianca Brenda Pereira Nascimento

(*shutdown*) ou um colapso emocional (*meltdown*), resultando em comportamentos autolesivos, como arranhar ou bater a cabeça.⁶⁻¹¹

A rotina é algo extremamente essencial para portadores do TEA, pois oferece maior previsibilidade, reduz a ansiedade e promove o bem-estar. A quebra desse ciclo pode desencadear um elevado estresse e dificultar a adaptação às novas situações, contudo o processo de adaptação com a rotina também é difícil a esses indivíduos que podem sofrer com mais ansiedade nesse período.^{9,12}

A pessoa com Transtorno do Espectro Autista pode apresentar diversas hipersensibilidades como características, e essa condição pode gerar experiências estressantes e desconfortáveis, afetando toda a sua qualidade de vida e capacidades cotidianas.^{10,12}

Dessa forma, o simples ato de estar presente em um ambiente barulhento, como as monitorias coletivas e como o Restaurante Universitário, sobrecarrega os sentidos, interrompendo o aprendizado e gerando consequências como cefaleias intensas, ansiedade e irritabilidade, como foi o caso da discente 02.

A estudante 04 buscou atendimento psiquiátrico no Núcleo de Assistência Estudantil (NAE) da instituição, porém enfrentou obstáculos devido à indisponibilidade inicial de profissionais e, posteriormente, à recusa de continuidade do tratamento por alegada incompatibilidade.

Tal fato evidencia a dificuldade que estudantes neurodivergentes frequentemente enfrentam para ter seus direitos garantidos, como o acesso aos serviços de saúde mental, os quais são imprescindíveis para realização de atividades.^{13-17,19}

A pesquisa de Freitas²¹ reforça que a inclusão dos estudantes com TEA assegura equidade e justiça social, promovendo a participação ativa no ensino superior. Isso reflete uma realidade recente e lenta. Com a democratização da educação, enfatizou-se a preparação do professor universitário, que está intimamente ligada ao processo de inclusão/exclusão do discente do ensino superior com TEA.

O autismo é um espectro devido à sua grande diversidade, abrangendo uma ampla gama de características comportamentais e habilidades cognitivas. Indivíduos com níveis semelhantes de funcionamento podem apresentar necessidades bastante distintas, influenciadas por experiências pessoais, contextos familiares e sensibilidades sensoriais. Essa variabilidade ressalta a importância de abordagens personalizadas em intervenções e suportes, a compreensão dessa heterogeneidade permite desenvolver melhor estratégias para acolher cada indivíduo.^{1-3,5,7,8-11,14}

A esse respeito estudos indicam que 40% a 80% dos adultos com autismo atendem aos critérios clínicos de ansiedade e depressão. Essa prevalência destaca a necessidade de mais atenção e apoio para abordar as complexas necessidades de saúde mental dessa população, especialmente em contextos de transições significativas, como o ingresso em novas etapas acadêmicas. A compreensão e o suporte adequados são essenciais para melhorar a qualidade de vida e facilitar a adaptação a novos ambientes.^{9,12,15}



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO CURSO DE MEDICINA: RELATO DE EXPERIÊNCIA
João Marcos Oliveira dos Santos, Regiane Lopes Takaoka, Priscilla Hellen de Carvalho Janoário,
Isabela Galvão Reis, Ianca Brenda Pereira Nascimento

Estratégias adotadas pela instituição para inclusão do estudante com TEA

As discentes 01, 02 e 03 resolveram seguir o período letivo sem o auxílio das estratégias de inclusão ofertadas pela universidade. Apesar disso, a estudante 03 sempre manteve o acompanhamento periódico com seu psiquiatra e manteve o uso de suas medicações, não necessitando de recurso psicológico oferecido gratuitamente pela universidade.

A disponibilização de serviços de psicologia e assistência social para ajudar na adaptação e gestão emocional do aluno foi um grande diferencial. Após os alunos 04 e 05 verificarem a possibilidade de acompanhamento terapêutico pela instituição dadas as condições financeiras desfavoráveis, o setor de acessibilidade articulou juntamente com o setor de serviço social a possibilidade de atendimento contínuo.

Subsequentemente à intervenção, sobre a discente 04 obteve-se encaminhamento para o hospital das clínicas para seguimento com neurologista e o discente 05 permaneceu com atendimento psicológico e psiquiátrico no núcleo de atendimento ao aluno.

O atendimento pelo núcleo de atendimento ao aluno possibilitou melhor entendimento do quadro e repasse aos docentes contornando algumas fragilidades comunicacionais.

A oferta de monitoria inclusiva, mesmo com a ação tendo sido mencionada na reunião inicial, os prazos para solicitação atrelado ao volume de informações impossibilitaram os discentes de compreenderem a informação com clareza, o setor de acessibilidade passou a direcionar aos alunos via e-mail os dados necessários para obter o recurso previamente, dando mais tempo para processar os dados e retirar possíveis dúvidas sobre o processo.

Ao final do período a acadêmica 02 percebeu que a monitoria inclusiva seria claramente um diferencial significativo no envolvimento e aprendizado, principalmente em conteúdos densos com grande acervo teórico e prático, devido às particularidades dessas disciplinas assim como pela sua hipersensibilidade sensorial, características que levaram a um baixo rendimento, os discentes 04 e 05 utilizaram o recurso de monitoria e obtiveram melhores resultados.

A monitoria inclusiva é uma ótima ferramenta para inclusão de estudantes com autismo na universidade, pois pode oferecer suporte na adaptação a novas convenções sociais e protocolos de seminários e leituras. Além disso, pode facilitar a colaboração em trabalhos em grupo, esclarecendo expectativas sociais e comportamentais, promovendo um ambiente de aprendizado mais acolhedor e eficaz.^{8,17}

Para seleção dos monitores, os docentes passaram a considerar a opinião do aluno que seria atendido dando prioridade aos monitores que já acompanharam o discente. Para alunos autistas a continuidade de acompanhamento com o mesmo indivíduo traz melhor aproveitamento de suas potencialidades, uma vez que a barreira comunicacional já é conhecida por esses monitores e estratégias de enfrentamento já foram desenhadas para lidar com essas problemáticas, além da compreensão das individualidades de cada discente.⁸⁻¹⁵



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO CURSO DE MEDICINA: RELATO DE EXPERIÊNCIA
João Marcos Oliveira dos Santos, Regiane Lopes Takaoka, Priscilla Hellen de Carvalho Janoário,
Isabela Galvão Reis, Ianca Brenda Pereira Nascimento

Disponibilização de tempo adicional para realização de provas também se revelou como boa estratégia, visto que o aproveitamento dos discentes que obtiveram o recurso apresentaram bons resultados, assim como a concessão de tutor para auxiliar os alunos a organizarem os cronogramas das aulas.

Pessoas com autismo frequentemente enfrentam desafios significativos para dividir o tempo adequadamente entre diferentes atividades. A percepção distorcida do tempo pode complicar a capacidade de priorizar tarefas. Muitas vezes, o senso de sequência e duração dos eventos não é intuitivo para indivíduos com TEA, o que pode afetar tanto o rendimento acadêmico quanto o desempenho em atividades cotidianas.²¹

Para ajudar a mitigar esses desafios, a discente 04 buscou auxílio pedagógico na instituição e foi acompanhada por uma tutora durante alguns meses, recebendo assistência na administração de seu cronograma de estudos.

No caso do discente 05 que apresenta interesse restrito por alguns assuntos de algumas disciplinas, a presença de um aluno tutor permitiu melhor aproveitamento e organização do tempo, o que também foi evidenciado na pesquisa de Oliveira *et al.*,⁸ que identificaram a evidente dificuldade de um aluno com TEA de mudar o foco da sua atenção, sobretudo quando se trata de algum conteúdo associado ao seu interesse especial, tornando o nível de atenção excessivo e prejudicial ao aprendizado do restante da disciplina comprometendo sua capacidade de organizar-se para cumprir os prazos, cronogramas e absorver o conteúdo esperado.

CONSIDERAÇÕES

Embora a instituição tenha implementado políticas de inclusão, ainda existem lacunas na comunicação e na efetivação dos recursos disponíveis principalmente com o corpo docente.

É essencial que as universidades promovam uma capacitação contínua dos docentes e do pessoal de apoio, garantindo que todos estejam preparados para atender às necessidades específicas desses estudantes, vale destacar que embora o núcleo de acessibilidade seja a porta de entrada para alunos com necessidades especiais os demais setores não são isentos de garantir recursos de acessibilidade, a saúde mental aparece como um fator limitante importante sendo então um grande desafio para a instituição viabilizar recursos para acompanhamento contínuo.

A personalização do apoio acadêmico e psicológico, combinada com uma maior sensibilização da comunidade acadêmica, pode contribuir significativamente para a adaptação e o sucesso dos alunos com TEA. A inclusão não deve ser apenas uma política, mas uma prática viva e dinâmica que respeite a diversidade e promova um ambiente educacional acolhedor e equitativo



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO CURSO DE MEDICINA: RELATO DE EXPERIÊNCIA
João Marcos Oliveira dos Santos, Regiane Lopes Takaoka, Priscilla Hellen de Carvalho Janoário,
Isabela Galvão Reis, Ianca Brenda Pereira Nascimento

REFERÊNCIAS

- 1- World Health Organization. ICD-11 for mortality and morbidity statistics. Geneva: WHO; 2022. Disponível em: <https://icd.who.int/browse11/lm/en#/http%3a%2f%2fid.who.int%2fcd%2fentity%2f437815624>.
- 2- Hodges H, Fealko C, Soares N. Transtorno do espectro autista: definição, epidemiologia, causas e avaliação clínica. *Pediatria Translacional*. 2020;9(Suppl 1):S65. doi:10.21037/tp.2019.09.09. Disponível em: <https://doi.org/10.21037/tp.2019.09.09>.
- 3- Baio J, Wiggins L, Christensen DL, et al. Prevalence of Autism Spectrum Disorder among children aged 8 years. *MMWR Surveillance Summaries*. 2018;67(6):1-23. Disponível em: <https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/67/ss/ss6706a1.htm>.
- 4- INEP. Censo da Educação Superior: Resumo técnico. Brasília: INEP; 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/estatisticas/educacao-superior>.
- 5- Camilla, Paiva G. Acessibilidade e inclusão de estudantes com transtorno do espectro autista no ensino superior. *Rev Tópicos*. 2024;2(13):1–15. doi:10.5281/zenodo.13803796. Disponível em: Disponível em: <https://revistatopicos.com.br/artigos/acessibilidade-e-inclusao-de-estudantes-com-transtorno-do-espectro-autista-no-ensino-superior>
- 6- Lei No 13.146, de 6 de julho de 2015. *Planalto.gov.br*; 2022. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm
- 7 - Mussi RF de F, Flores FF, Almeida CB de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Práxis Educacional* [Internet]. 2021 Sep 1;17(48):60–77. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010/6134>
- 8- Silva VC, Moreira LC. O estudante com Transtorno do Espectro Autista nas universidades brasileiras. *Rev Educação Especial* [Internet]. 2022;35(1):1-25. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313169978016>.
- 9- Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5). Disponível em: <https://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>
- 10- Oliveira AFT de M, Santiago CB de S, Teixeira RAG. Educação inclusiva na universidade: perspectivas de formação de um estudante com transtorno do espectro autista. *Educação e Pesquisa*. 2022;48:1-22. DOI: 10.1590/S1678-4634202248238947por. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/198911>
- 11- Melo SC de, Constant E, Ferreira AT. ACESSO E PERMANÊNCIA DE PESSOAS COM AUTISMO NO ENSINO SUPERIOR. *Revista Teias*. 2023;24(73):112-128. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/teias.2023.74128>
- 12- Adurens FDL, Vieira CM. Concepção de professores sobre a inclusão do aluno com autismo: uma pesquisa bibliográfica. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO CURSO DE MEDICINA: RELATO DE EXPERIÊNCIA
João Marcos Oliveira dos Santos, Regiane Lopes Takaoka, Priscilla Hellen de Carvalho Janoário,
Isabela Galvão Reis, Ianca Brenda Pereira Nascimento

2018;18(2):94-124. doi:10.5935/cadernosdisturbios.v18n2p94-124. Disponível em:
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072018000200007.

13- Pereira AL, Souza MR, Almeida F. Capacitação de Professores para Inclusão de Alunos com TEA: Desafios e Perspectivas. Educação Especial. 2020;33(2):125-140.

14- Lugo-Marín J, Magán-Maganto M, Rivero-Santana A, Cuellar-Pompa L, Alviani M, Jenaro-Rio C, et al. Prevalence of psychiatric disorders in adults with autism spectrum disorder: A systematic review and meta-analysis. Res Autism Spectr Disord. 2019 Mar;59:22–33. Disponível em:
<https://doi.org/10.1016/j.rasd.2019.01.003>.

15- Taylor S, Hall B. Sensory Integration in Autism: A Comprehensive Review. J Autism Dev Disord. 2019;49(4):1409-1425. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10803-018-3865-4>.

16- Gunin GB, Gravino A, Bal VH. Advancing Mental Health Supports for Autistic Postsecondary Students: A Call for Research. Autism in Adulthood. 2021 Feb 4. Disponível em:
<https://doi.org/10.1089/aut.2020.0023>.

17- Walter LCM, Leite LP, Dias VF. Práticas de acolhimento na universidade evidenciadas nos discursos de estudantes com transtorno do espectro autista. [cited 2024 Sep 28];36(118). Disponível em: <https://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/5854>.

18- Silva LB, Almeida PF, Oliveira PSD, Assis JR, Santos GMT, Freitas RFF. Transtorno do Espectro Autista na educação superior: perspectivas e desafios evidenciados por docentes universitários no processo de ensino-aprendizagem. Conhecimento & Diversidade. 2021;13(30):171-191.

19- Cordeiro S, Constant E, Ferreira AT. Acesso e permanência de pessoas com autismo no ensino superior. Rev Teias. 2023;24(73):112–128. doi:10.12957/teias.2023.74128. Disponível em:
http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-03052023000200112.

20- Freitas AP, et al. Processo de Inclusão no ensino superior: estudo com ênfase no transtorno do espectro autista. Rev FT. 2023;5(10):45-60. doi:10.52881/zenodo.10053844. Acesso em: 2024 Oct 4.

21- Jurek L, Longuet Y, Baltazar M, Amestoy A, Schmitt V, Desmurget M, et al. How did I get so late so soon? A review of time processing and management in autism. Behavioural Brain Research. 2019 Nov;374:112121